



Editorial

O presente número da *Aurora* traz dossiê com reflexões acerca da filosofia ímpar de Arthur Schopenhauer (1788-1860), organizado por Eduardo Brandão e Eduardo Ribeiro da Fonseca, em comemoração aos duzentos anos de *Die Welt als Wille und Vorstellung*. O público acadêmico nacional conheceu, ultimamente, duas excelentes traduções da *magna* do Filósofo Alemão, *O Mundo como Vontade e Representação*, a famosa obra que deixou Nietzsche siderado e projetou, de certa forma, um rumo para sua própria filosofia, de caráter trágico. Além de tal fato, por extensão, haver retirado Schopenhauer de um lugar pouco favorável à sua filosofia, que, *grosso modo*, pendula entre a filosofia moral de Kant e a sabedoria indiana. Isso, aquém da suspeita despertada pela ponta de inveja do sucesso universitário de Hegel a ofuscar o exercício professoral de Schopenhauer, a um tempo em que a filosofia era ainda um fenômeno intramuros da Universidade, ao menos na Alemanha.

Extra cultura acadêmica, o filme *Antonia*¹, dirigido por Marleen Gorris, de 1995, enquadrado no gênero cinematográfico comédia dramática, cujo título traduzido para o português recebeu aditamentos, *A Excêntrica Família da Antonia*, trouxe à ribalta, senão de modo direto a figura de Schopenhauer, a aparente ilustração do seu pensamento através do personagem Kromme Vinger. Em verdade, o anti-herói Dedo Torto é um estudioso e professor das filosofias de Schopenhauer e de Nietzsche, numa aldeia do interior da Holanda, no pós-Segunda

¹ Não confundir com o filme de título homônimo de Carlos Reichenbach, de 2006, ambientado na Vila Brasilândia, de São Paulo. No caso, o título do filme refere-se ao conjunto de *rap* composto por quatro moças.

Guerra Mundial. A aldeia funciona como espelho do mundo, que, sob circunstâncias das obrigatoriedades sociais, projeta problemas de caráter universal: sentido da vida, da morte, da violência, do amor, da sexualidade. A violência, tipificada na forma de estupro, para o que as mulheres, -em particular a que dá nome ao filme-, tomam a decisão de resolver a situação. Ocorre que o intelectual de inspiração schopenhaueriana do filme finda por suicidar-se. Porém, o ato toma forma de uma naturalidade extremada, sem resquícios da banalização da morte tão recorrente na atualidade, porém, previsível sob a capa do mais prospectivo pessimismo. No limite, quase um sentido lógico consequente dado ao caso. Pois, em determinado momento, Dedo Torto afirma aos amigos, ao modo de um responsório schopenhaueriano: “a melhor coisa é não nascer. É não ser, não ser nada. E depois disto é morrer...”, a exalar resquícios da sabedoria do *pathos* trágico do sátiro Silenos, praticamente, a mesma resposta que fora ditada por ele a Mídas. Ocorre que após a fala, o personagem aparece enforcado em meio aos seus livros de filosofia.

Se pilhérias movem a filosofia desde Tales de Mileto, como quer Deleuze, logo a ideia de colocar uma carga potencial de *tnt* no centro da Terra, desejada por Schopenhauer, -canto da imaginação somente plausível dada a contemporânea invenção do artefato explosivo-, talvez seja a pilhéria mais original dentre as pilhérias filosóficas contemporâneas. Pois, de tal invenção derivou -em gesto de reconciliação humanitária- o *fiat* do Prêmio Nobel da Paz, oferecido aos dilatadores da paz mundial e, por fina ironia, aos promotores do progresso da ciência. Além do que, ao tempo presente, com ou sem a potente dinamite estourando e rachando a Terra ao meio, paira a ameaça da destruição da biosfera e do consequente fim da espécie humana. Ao ouvir a Cassandra, o Filósofo Alemão sorriria da justiça poética vindoura, discreto, silente.

Não importa se a filosofia de Schopenhauer oferece uma dificuldade de localização no campo das ideias. Fato é que ela veio para desafinar o coro dos contentes, dos seguros, dos orgulhosos, dos homens que se julgam realizados ao atingirem os píncaros da glória efêmera do mundo da ordem burguesa e racionalista, mesmo que o país de Schopenhauer estivesse aquém do dinamismo burguês moderno

ao tempo em que escreveu sua obra. Afinal, seu pensamento fulgura como a expressão ímpar do mal-estar civilizacional que se renunciava. No seu caso, o mal-estar que ele próprio encarnou. Afinal, Schopenhauer parece pertencer à classe dos filósofos trincados através do quais alguma luz ultrapassa.

A sessão *Fluxo Contínuo* traz os artigos: “El deseo en Lacan, ¿entre heroísmo y opacidad?”, de Carmen Elisa Escobar; “Wittgenstein, Schopenhauer and the metaphysics of suicide”, de Modesto Gómez Alonso; “Justiça e direitos humanos na filosofia do direito de Emmanuel Lévinas”, de Marcio Renan Hamel e “Desventuras de Mr. Magoo: Ernest Sosa indaga ‘How do you know?’”, de João Carlos Salles.

À boa leitura!

Prof. Dr. Léo Peruzzo Júnior
Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde
Prof. Dr. Jelson de Oliveira
Editores